

MEMORABILIA #4

ESCREVER PARA ENCENAR



MEMORABILIA

NOME FEMININO PLURAL

1. CONJUNTO DE COISAS OU ACONTECIMENTOS MEMORÁVEIS.
2. CONJUNTO DE OBJECTOS

ORIGEM ETIMOLÓGICA:

PALAURA LATINA, PLURAL NEUTRO DE MEMORABILIS,
-E, MEMORÁVEL.

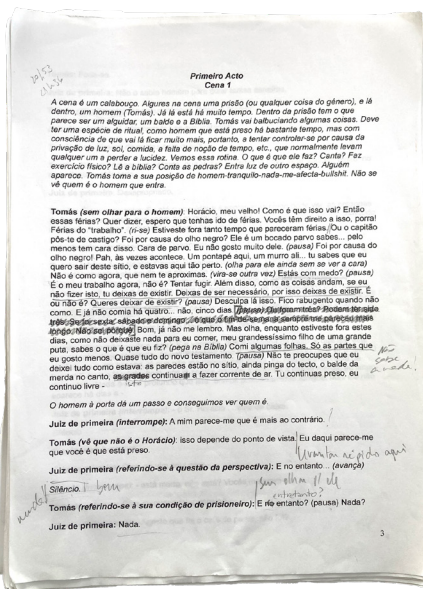
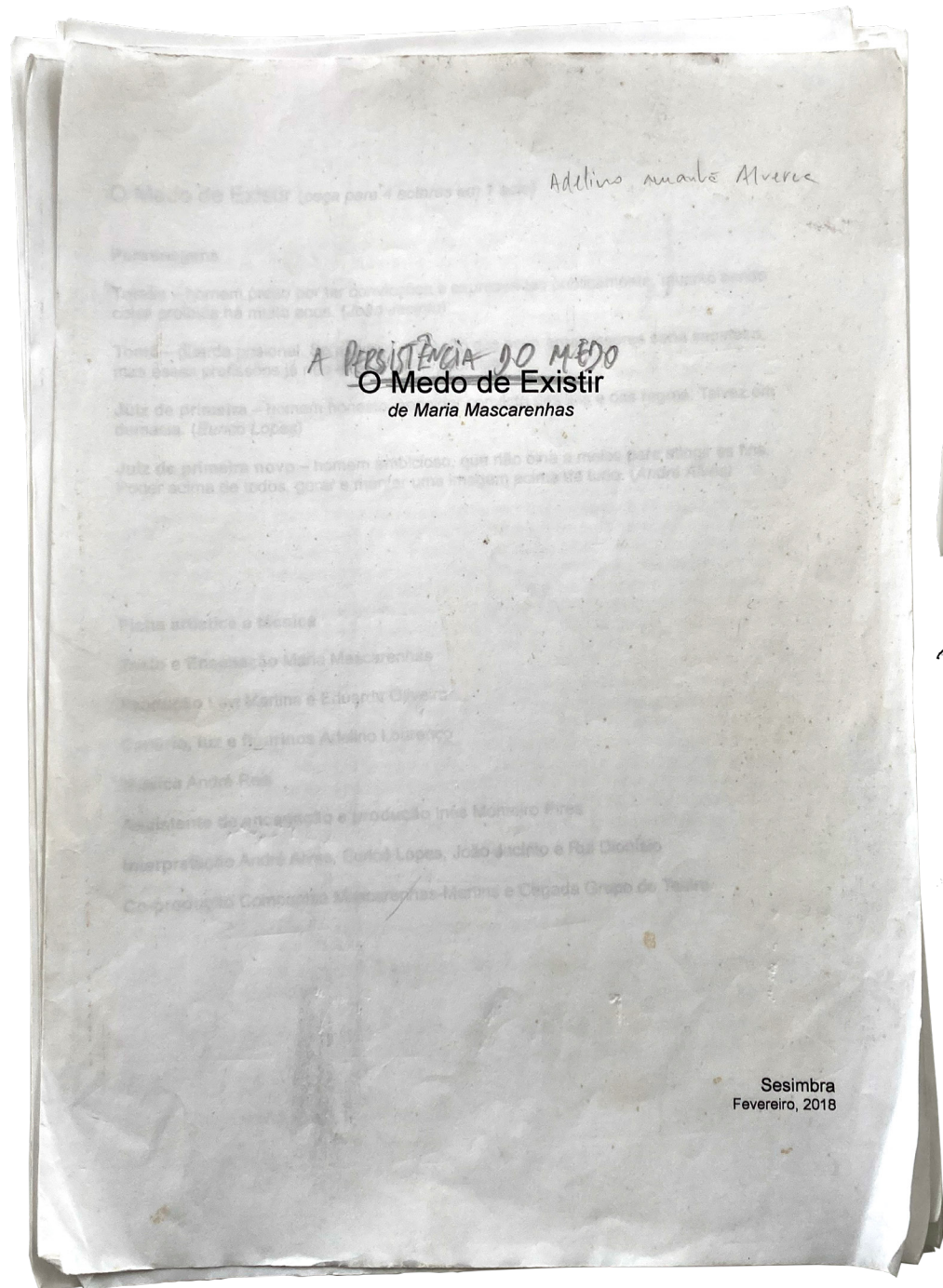
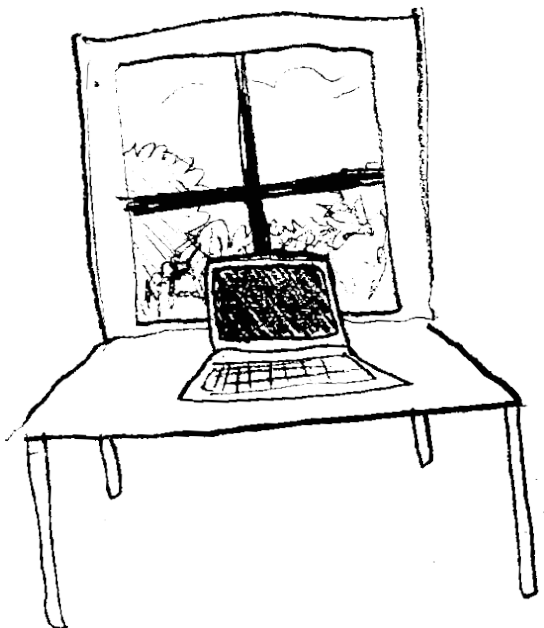
"MEMORABILIA" IN DICIONÁRIO PRIBERAM DA
LÍNGUA PORTUGUESA [em linha], 2008-2009



Quando começámos, decidimos que não iríamos fazer repertório. Não por falta de textos extraordinários que poderiam ser bons pontos de partida para espectáculos, a questão nunca foi essa. Nem tão pouco por acharmos que, numa fase inicial, seria possível estarmos à altura dos criadores que admiramos. O que sempre pensámos foi que ao fazermos espectáculos originais conseguiríamos que os mesmos correspondessem verdadeiramente ao que queríamos expressar. Arriscámos começar com menos vocabulário para que, ao longo do tempo, o trabalho fosse amadurecendo. Sempre que alguém dizia que não valia a pena escrever porque já havia muitos textos bons, achava estranho. Não me parece que a existência de trabalhos excelentes nos deva inibir de fazermos o que queremos, muito pelo contrário. Admiro sempre a coragem de quem decide criar alguma coisa, porque implica um grau de exposição muito grande ao julgamento dos outros, uma disponibilidade para qualquer tipo de reacção, incluindo indiferença ou desagrado.



Tudo isto para chegar a um momento importante no percurso da Mascarenhas-Martins: o momento em que a Maria Mascarenhas decidiu que iria começar a escrever e encenar, ou seja, que ia começar a conceber os seus espectáculos a partir de uma vontade de partilha do que andava a pensar e a sentir. Nessa primeira vez, decidiu partir de leituras que tinha feito e que aparentemente pouco teriam em comum: *Portugal Hoje: O Medo de Existir*, de José Gil; *A Utopia*, de Thomas Moore (e também, *O Príncipe*, de Maquiavel, na edição com anotações de Napoleão Bonaparte). Estas leituras tinham relação com o interesse pela vida política local e não só – sempre houve uma vontade de produzirmos teatro que tivesse relação com política, entendendo-a como a forma de organização da vida colectiva, o que necessariamente implica pensar o lugar do indivíduo na sociedade. Tendo este ponto de partida, a certa altura decidiu fechar-se em casa da sua mãe, uma vivenda na Quintola de Santana, Sesimbra, tendo passado uma semana a escrever das nove às cinco, até ter chegado a uma primeira versão do que seria *O Medo de Existir*.



→ IMPRESSÃO DE TRABALHO DE MARIA MASCARENHAS QUE REVELA O NÍVEL DE EDIÇÃO A QUE UM TEXTO DE TEATRO ESTÁ SUJEITO (INCLUINDO POSSÍVEIS MUDANÇAS DE TÍTULO)

Eis a breve caracterização das personagens da peça escrita pela Maria, que penso que ajuda a perceber o contexto em que a acção se desenrola.

O Medo de Existir *(peça para 4 actores em 1 acto)*

Personagens

Tomás – homem preso por ter convicções e expressá-las publicamente, mesmo sendo coisa proibida há muito anos.

Tomé – guarda prisional. Seguindo a profissão dos seus antecessores seria sapateiro, mas essas profissões já não existem.

Juiz de primeira – homem honesto, seguidor convicto das leis e das regras. Talvez em demasia.

Juiz de primeira novo – homem ambicioso, que não olha a meios para atingir os fins. Poder acima de todos, gerar e manter uma imagem acima de tudo.

Este espectáculo foi uma co-produção com o Cegada Grupo de Teatro, de Alverca do Ribatejo, o que ajudou não apenas a reunir melhores condições para a sua produção, mas também permitiu uma maior longevidade do mesmo, com apresentações no Montijo, em Alverca, no Cacém, em Coimbra e até um regresso ao Montijo. O espectáculo foi bastante bem recebido, tendo sido muitas vezes comentado que o retrato que era feito das figuras de autoridade era transponível para qualquer realidade: podia ser o político com tiques de ditador ou um patrão autoritário. Nada mal para uma primeira vez.



↑ QUANDO PEDRO NUNES FOI DE ERASMUS FOI SUBSTITUÍDO POR ROA DIAS



Foto de Eduardo Martins

Cegada apresenta “O Medo de Existir” em co-criação com companhia do Montijo

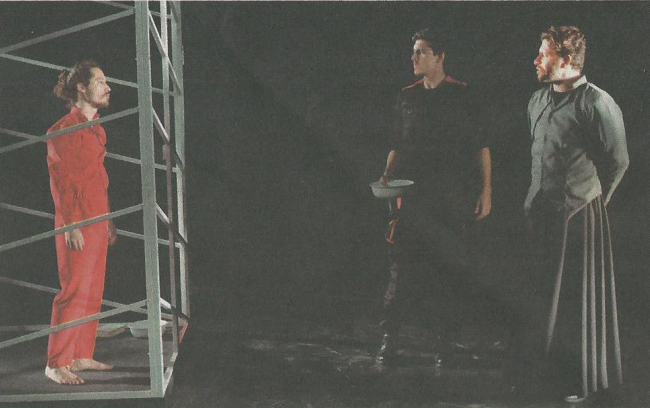
A companhia de teatro Cegada, de Alverca, vai apresentar “O Medo de Existir”, uma peça que reflecte sobre obras literárias de Thomas More e José Gil. O trabalho é feito em co-criação com a Companhia Mascarenhas-Martins, do Montijo. A ideia para a peça surgiu depois da autora e encenadora Maria Mascarenhas ter lido Utopia, de Thomas More, e Portugal Hoje: O Medo de Existir, de José Gil, e de ter relacionado algumas das ideias contidas nestas obras separadas por cinco séculos. O texto que escreveu e que deu origem ao espectáculo “O Medo de Existir”, não é, segundo ela, uma adaptação.

A peça estreia no Cinema-Teatro Joaquim d’Almeida, no Montijo, e passa depois pelo TEIV (Teatro-Estúdio Ildefonso Valério), em

Alverca, antes de ser apresentada noutras localidades.

Segundo nota de imprensa enviada pelo Cegada, a peça aborda um futuro distópico, onde um homem é informado de que existe uma ilha em que a sociedade se organiza de um modo completamente diferente. Tendo decidido partilhar esse conhecimento com o mundo, na esperança de conseguir que a organização hierárquica e tendencialmente autoritária da sociedade seja posta em causa, acaba preso e esquecido pelos seus concidadãos.

O espectáculo é financiado pela Direcção-Geral das Artes - Governo de Portugal, pelos Municípios de Vila Franca de Xira e Montijo, e conta com o apoio de diversas juntas de freguesia.



João Jacinto, Pedro Nunes e Eurico Lopes em O Medo de Existir

ESTREIA

MARIA MASCARENHAS CRIA DISTOPIA NO MONTIJO



ANDRÉ REIS E LEVI MARTINS

Partindo das ideias contidas em *Utopia*, de Thomas More, e *Portugal Hoje: O Medo de Existir*, de José Gil, obras separadas por cinco séculos, Maria Mascarenhas criou um espectáculo que se pretende político mas apartidário: *O Medo de Existir*. Com André Alves, Eurico Lopes, João Jacinto e Pedro Nunes, estreia no dia 17, no Montijo, e decorre num futuro distópico, onde um homem defende que existe uma ilha com uma organização social melhor que a nossa, sem figuras autoritárias, e acaba preso, mas nunca perde a esperança. ➡ RB

O MEDO DE EXISTIR
CINEMA-TEATRO JOAQUIM D’ALMEIDA, MONTIJO
De 17 a 20/5 • 5.ª a sáb.
21h30 • Dom, 16h30 • €6

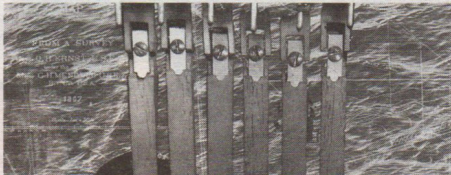
Mascarenhas-Martins estreia “O Medo de Existir”

TEXTO ANTÓNIO LUIS
IMAGEM SM

A Companhia Mascarenhas-Martins, do Montijo, estreia em maio, no Joaquim D’Almeida, “O Medo de Existir”, uma co-produção com o Cegada Grupo de Teatro, de Alverca. A peça irá estar em novembro no teatro Ildefonso Valério, em Alverca. O texto é de Maria Mascarenhas, que também encena, tendo tido como ponto “Utopia”, de Thomas More, e “Portugal Hoje: O Medo de Existir”, de José Gil.

«A situação ficcional

proposta pela autora centra-se num personagem, Tomás, que, num futuro distópico, está preso por defender a existência de uma ilha na qual o funcionamento da sociedade é diferente do atual. Enquanto aguarda pela vinda da única testemunha que poderia confirmar que aquilo que defende é verdade, passa o seu tempo com os guardas prisionais, sendo visitado ocasionalmente pelas figuras de autoridade que ali o mantêm», revela o diretor Levi Martins.



Teatro & Dança

O MEDO DE EXISTIR

De Maria Mascarenhas

Cinema-Teatro Joaquim d’Almeida, Montijo, até amanhã

A Companhia Mascarenhas-Martins apresenta um espetáculo que, com inspiração em diversas fontes, propõe uma dramaturgia do medo, o elemento mais perturbante, mais presente, mais eficaz e mais perverso das sociedades contemporâneas.

Algun tempo mais tarde, este trabalho foi continuado com a escrita e produção de *Nó*, espectáculo que partiu de uma investigação bastante distinta do primeiro, no caso uma pesquisa relacionada com a biografia do actor Pedro Nunes: o projecto teve, durante algum tempo, o título de trabalho *Being Pedro Nunes*. Porém, tal como em *O Medo de Existir*, esse processo inicial acabou por dar origem a umas semanas intensivas de escrita (também em Sesimbra) que resultaram numa nova ficção. Talvez por andar com um interesse particular em cinema, sobretudo na filmografia do realizador Wes Anderson, a Maria estruturou o texto como se de um guião se tratasse:

1 INT. PRÓLOGO 1
Mostarda. Em cena vemos a sub-cave da Faculdade de Artes, Letras e Ciências Sociais (FALCS). À direita baixa fica a Associação de Estudantes da FALCS. Pedro está lá dentro pouco iluminado mas como se a luz da AE estivesse ligada. À esquerda alta fica a Redacção. O público entra. As portas fecham e entra o aviso sonoro, nesta altura Pedro começa a preparar-se para sair para que, assim que acaba o aviso, ele desligar a luz no interruptor e sai pela porta fazendo todos os corredores até sair de cena pela direita. Assim que isto acontece entra PP Félix pela direita alta direitinho para a redacção. Com calma monta o seu tripé e microfone. Instala-se e ouve-se um episódio do podcast "O Homem Revoltado".



A FALCS, Faculdade de Artes, Letras e Ciências Sociais, teve direito a um conjunto de materiais ficcionais, incluindo um emblema com design do António Santiago, que tinha começado a trabalhar connosco de forma pontual há relativamente pouco tempo. A acção situava-se na Associação de Estudantes da qual Pedro era o presidente. O gatilho para a narrativa era o seguinte: Pedro tinha dado uma entrevista de balanço do actual mandato a PP Félix, responsável pelo jornal da faculdade (*O Boletim*, que também conheceu uma edição especial para servir de folha de sala); na edição em que a entrevista era publicada, PP Félix decidira escrever também uma nota sobre como a associação de estudantes tinha perdido a gravata histórica que lhe conferia o símbolo. Esse facto vem introduzir a desordem entre os três amigos que, enquanto responsáveis pela Associação de Estudantes, tentam arranjar uma forma de limpar a sua reputação. Mais uma vez, o que a Maria propôs foi um espectáculo político, no qual aos poucos íamos percebendo a natureza contraditória de cada personagem, sobretudo na relação com a necessidade de tomar decisões e aceitar, ou não, as circunstâncias.

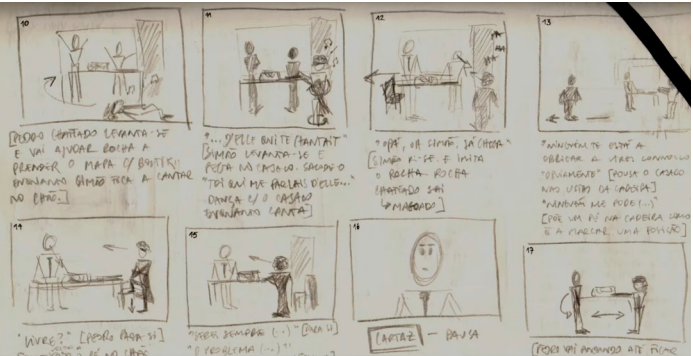


↑ "O BOLETIM"
JORNAL FICCIONAL
COM TEXTOS DE MIGUEL BRANCO
DESIGN DE ANTÓNIO SANTIAGO
E FOTOGRAFIAS DE AMIGOS

A estreia de *Nó* estava prevista para Janeiro de 2021 mas acabou por acontecer algum tempo mais tarde. O Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal do Montijo até tinha destacado a estreia na capa da sua agenda, mas a pandemia trocou-nos as voltas. Como não pudemos estreiar, fizemos um pequeno documentário intitulado *Nó: pequena história de um espectáculo adiado*, que terminava com uma filmagem dos mupis que logo ficaram desatualizados.

FOTOGRAFAS DE
"NÓ: PEQUENA HISTÓRIA
DE UM ESPECTÁCULO ADIADO"
DISPONÍVEL NO YOUTUBE

ENSAIOS EM PLENA
PANDEMIA. MASCARADOS
A RI 60R (JANEIRO 2021)



O trabalho da Maria conheceu uma nova fase em 2023 com a estreia da primeira parte de uma quadrilogia: *Rebentar na Primavera em 3 Actos* foi o primeiro espectáculo de teatro que estreámos na Casa da Música Jorge Peixinho e, ao contrário do que tinha acontecido em *O Medo de Existir* e *Nó*, praticamente não tinha texto. Seguiu-se *Cair no Outono em 3 Actos*, uma espécie de monólogo interior cheio de circularidade e repetição. Ambos com base numa pesquisa feita em torno da figura de Marlon Brando, actor que, tanto na vida como na arte, parece ter testado todos os limites do possível. O que me parece é que embora a metodologia tenha mudado, no sentido de ter deixado de existir uma narrativa mais arrumada, uma história com princípio, meio e fim, no fundo o que está por detrás do trabalho é o mesmo: partilhar interrogações relacionadas com o lugar do indivíduo na sociedade, os limites da liberdade, as contradições, os gestos de generosidade ou de sacanice, a violência e a beleza.



← ENSAIOS DE
"REBENTAR"
NO ESTEVAL





A partir do arquivo da Mascarenhas-Martins

Texto Levi Martins

Design gráfico e paginação António Santiago

Com fotografias de André Reis, Levi Martins, Luana Santos
e Teresa Mascarenhas

Uma publicação Mascarenhas-Martins

Maio 2025

A Companhia Mascarenhas-Martins é uma entidade financiada por:

